

Um bíguo passeio d'égua.

 Ega Real

 Bruno Novelli

Um pintor peruano estava muito aflito porque ia ter que deixar sua cadela em Berlim no Natal.

Aquele ano mesmo ele a perfilhara: uma basenji selvagem, um canídeo de aparência felina com origem nas planícies africanas. E ela se tornara sua musa, ou ele a tornara sua musa; de qualquer maneira as pinturas dele ficaram consideravelmente mais interessantes desde que ela começara a passar tempo no seu ateliê.

As situações que ele pintava agora consistiam em figuras humanas vagamente definidas acompanhadas por canídeos de aparência felina ou por felinos de aparência canídea, ambíguos animais e vagos humanos movendo-se estáticos pelas vastas telas em paisagens desertas de cores crepusculares. Árvores sem folhas também figuravam, depenadas pelo inverno berlinense ou por alguma enfermidade sobrenatural, o que no fim das contas dava no mesmo, e entre si as criaturas alternavam quem montava quem. A musa cá recebera o nome de Quina, em homenagem à árvore nacional do Peru, e além da aparência felina ela tinha uma aparência equina.

E agora dezembro se aproximava, e o pintor peruano ia visitar seu país natal até janeiro, e porque não podia levar consigo a cadela ele estava muito aflito. Não sei por que motivo não podia levá-la, conheço quem viaje com seus cães de pequeno porte ou mesmo médio sem ter que despachá-los no bagageiro arriscando que morram. Talvez não conseguisse tirar seu passaporte canino a tempo. Mas por razões financeiras é que não podia ser, pois quando o pintor anunciou a busca por uma cuidadora pra cá ele oferecia uma grandiosa quantia.

Eu tinha visto aquelas pinturas. Também eu montara e mais importantemente tivera sido montada por ambíguas criaturas. Então respondi ao seu chamado aflito como a um milagre:

E eu tinha experiência com cães?, quis saber o pintor peruano, suspeitando-me.

E sim, eu menti e não menti. Os dois yorkshire terriers que eu experienciara crescendo no Brasil foram primeiramente de meus pais e secundamente de minha irmã, e eu mais ou menos detestara ambos. Eu, eu mesma, era um gato. Mas a Quina cadela parecia um gato aos meus olhos, e eu estava tão abandonada naquele deserto de cidade que imaginei na companhia animal a minha única chance de sobreviver ao inverno. Tinha acabado de me demitir do emprego na livraria dum vigarista francês, e também espiritualmente me encontrava sem recursos.

Na mesma semana o pintor peruano apareceu sem aviso na galeria que o representava, onde trabalhava a minha amiga portuguesa e nossa única conhecida em comum, e inquiriu-a sobre a minha pessoa. E ela assegurou-o sobre a minha pessoa, mas não gostou de ter alguma responsabilidade nela depositada pela nossa proximidade, não. Se qualquer coisa acontecesse à musa, ela pensou mas não sei se o disse, culpa dela é que não seria.

A amiga portuguesa, que também era pintora, foi quem me mostrara aquelas pinturas; tendo na ocasião observado que o pintor peruano e eu habitávamos as mesmas imagens ou que ao menos habitávamos algumas imagens em comum.

Ora que na semana seguinte eu fui convocada ao ateliê onde reinava a câ.

Enquanto eu escaneava as paredes cobertas pelas situações interespecíes, a cadela mastigava uma perfumadíssima mandíbula de vaca e o pintor me entrevistava tímida e nervosamente, escaneando meus olhos por qualidades caninas ou, senão, por qualidades cuidadoras de cães. Quando ele pareceu ficar mais confortável, passou a mostrar-me livros de pinturas. E durante todo o tempo em que ele virava as páginas, pra mim a pessoa dele ia se fundindo com a minha memória duma fotografia do poeta mexicano Mario Santiago: ambos tinham um rosto amigável e intimidador, um rosto que me fazia pensar num filhote de urso prestes a atirar em alguém com um rifle. Por isso então lhe falei dum certo livro; mas não mencionei o meu motivo principal pra fazê-lo porque afinal havia outros. Finalmente fomos rodar, os três, o quarteirão; e o pintor peruano me mostrou como a cadela era selvagem e como devia ser treinada com biscoitos, o que ele então me treinou a fazer.

Na semana seguinte ele deixou a câ comigo. Trouxe também uma mala cheia de brinquedos, três perfumadíssimos ossos de vaca, duas coleiras de comprimentos diferentes, uma dupla de jaquetas caninas, sendo uma delas pra chuva e a outra pro frio em geral, duas caminhas que não iam ser usadas e mais uma mochila com quatro buracos pras patas.

A artista inglesa com quem eu partilhava o apartamento já tinha concordado com a residência de um mês da cadela, e o meu quarto em si era grande o suficiente pra que eu e a Quina criatura não precisássemos ficar no pé uma da outra.

Mas eu não sabia viver com um cão, porque eu era um gato. Mais precisamente, eu não sabia como ser um cão, porque eu estava sendo um gato. É claro que eu não precisava ser um cão, precisava apenas ser um humano pra um cão. Então o problema era que não sabia ser um humano pra um cão, porque estava ocupada tentando ser um gato pro humano que eu era. Agora a câ estava deitada no sofá do outro lado do quarto me encarando, enquanto sentada à mesa eu tentava escrever. Pressionada, lhe implorava: "Não posso brincar, por favor, vamos ficar cada uma na sua, me perdoa".

Era doloroso passeá-la na neve às 8 da manhã ou tarde da noite antes de me render ao sono, mas seu corpo morno e fragrante era uma bênção quando partilhávamos a cama. No parque, eu soltava-a imediatamente dentro do cercado de cães, que ficava no meio duma alongada depressão geográfica que era o verdadeiro fundo dum vale canídeo, e naquele fundo eu me sentava assistindo-a correr com seu suéter azul de gola alta atrás dos outros cães, alguns

dos quais também vestiam casacos. Ressentia a minha incapacidade de provê-la com tamanha diversão eu mesma; e a memória daquela grama dura, azul de gelo, até hoje me dá arrepios. Mas nada doía mais do que quando, nas noites, impaciente eu lhe puxava a coleira tentando forçar que ela finalizasse logo os seus negócios e pudéssemos voltar ao quarto quente. De volta, servil eu limpava as suas patas com lenços umedecidos enquanto resignada ela me olhava com o rosto perfeito e selvático; depois ela corria pra janela, onde se postava ereta sobre as patas traseiras, rijas as orelhas felinas e a cauda em espiral abanando...

Um dia eu esculpi em barro o rosto duma suçuarana. Depois de passar horas massageando aqueles ossos e aqueles músculos à perfeição, ajustando-os às proporções do meu rosto, pousei a escultura no chão convidando a inspeção da câ. E a câ não rosnou, não.

Uma noite a levei pra casa dum poeta brasileiro e ela dormiu graciosamente no sofá enquanto conversávamos. Outra noite a levei pra casa dum escritor polonês e ela dormiu graciosamente no sofá enquanto comíamos sopa de beterraba. E eu mal consegui parar de pensar nela quando precisei deixá-la em casa pra ir a um jantar de véspera de Natal, mas quando então passamos o dia do Natal a sós no quarto quente, ela dormiu graciosamente no sofá enquanto eu comia batatas-doces. Ademais, o pintor alemão que nos visitava com frequência aquele mês gostava muito dela; mas quando na véspera do Ano-Novo ele nos deixou esperando e se evadiu dos nossos planos (que eram confortar a câ durante os fogos da meia-noite), me foi doloroso deixá-la sozinha pra ir jantar com a minha amiga portuguesa, a sua gata e o companheiro ucraniano delas.

Eu estava com uma enorme dificuldade de me ensinar a ser um gato, ou de me ensinar a ser autossuficiente, e a dependência duma cadela na minha torpe humanidade me fazia extremamente consciente da minha desgraça. "Alguém aqui precisa escrever", ela dizia pra mim ou era eu que dizia pra ela ou talvez fosse a suçuarana que dissesse pra nós duas, "e não vai ser eu".

Havia uma divergência essencial entre nós duas, e eu me sentia constantemente culpada dum egoísmo diante dela. Embora eu suspeitasse que ela estivesse contente só com a minha companhia, era como se eu não pudesse acreditar. É que se os olhos dum gato falam conosco desde e sobre outro mundo, os olhos dum cão falam quase alto demais desde e sobre o nosso mundo. E eu não passei nessa vida muito tempo ainda olhando nos olhos dum cavalo ou nos olhos duma égua, mas, pro escritor brasileiro João Guimarães Rosa, neles uma pessoa vê muito da tristeza do mundo, e é por isso que o estado das coisas estaria um pouco melhor se nós fôssemos todos vaqueiros. Embora eu sentisse que a trindade desses animais estava presente na Quina criatura, era como se eu não pudesse acreditar.

Até que uma noite de janeiro experimentamos algo juntas.

Estávamos deitadas uma contra a outra no sofá, à luz de velas, ao lado duma das duas altíssimas janelas atrás das quais a neve caía violenta com o vento. Tínhamos interrompido nossa leitura de *Moby Dick* pra iniciar e concluir a nossa leitura d'*O Velho e o Mar*. De cima da mesa no centro do quarto, o rosto da suçuarana encarava o teto ou através dele.

Na parede entre as duas altíssimas janelas estava pregada uma folha de papel de dois metros de altura por um metro de largura; nessa folha estava desenhado em carvão um dirigível, uma espécie de zepelim, o primeiro esboço dum plano de construção feito certa noite na semana anterior ao Natal. Agora durante o virar duma página eu pousava os olhos no desenho; e descansando o livro no corpo da cadela, que descansava o corpo no meu, eu recomeçava a escanear aquele plano: no topo da folha, contra a torre de vigia da nave, sentava-se uma felina figura humanoide. Notei então como as linhas das velas e do mastro, combinadas, formavam uma cruz bem atrás das costas da criatura. E ajustei a minha posição no sofá, o que fez com que a cadela ajustasse a sua posição contra o meu peito.

A noite em que eu desenhara aquela situação fora uma longa noite em que o pintor alemão se sentava à minha mesa esculpindo formas abstratas em barro muito desprovidas de axé. Faminta pela minha alma eu me postava diante da parede, entre as janelas, e esboçava o meu plano de fuga sem nem não perceber. E quando sugeri que o desenho estava terminado, por volta das quatro da manhã, me sentei junto do pintor que esculpia pra lhe tentar comunicar meus sentimentos frustrados. A conversa deixara-me ferozmente desiludida. E quando afirmei que a comunicação estava terminada, por volta das cinco da manhã, me levantei pra encarar o desenho outra vez. E tive o impulso, o qual permiti que se descarregasse, de escrever nas margens do papel. Enquanto o pintor esculpia e a cá dormia, eu preenchia o ar em volta da nau. Na última linha, lia-se: "Eu nem não sinto muito por este deserto de aqui. Onde ondas?".

De modo que agora, numa noite de janeiro, vela após vela eu e a Quina criatura líamos adiante, afastando-nos mais e mais num mar aberto até não ver mais dunas.

E tínhamos fome, e dez mil horas se passavam sem que nenhum peixe não mordesse a nossa isca, e eu pedia desculpas à musa cá pela minha incapacidade de prover. "Se ao menos o rapaz estivesse aqui", eu choramingava. E ela ria de mim. Ela era uma cadela do deserto egípcio ou ela era uma cá das selvas do Congo. "O que é que você disse?", eu perguntava. Mas ela não explicava o riso;

porque ela era uma cadela muda, da famosa espécie que não late. De repente, sem que ela nada dissesse eu passava a entender, ria também. Então nossos rabos imigrantes se emaranhavam sobre as tábuas do barco, a cá acendia dois cigarros, me oferecia um.

Ouso dizer que relaxávamos juntas? Estávamos passeando, um passeio a cavalo ou um passeio de barco era o nosso exílio sem fim. Entremundos cavalgávamos a crista duma só égua, a égua anciã que guardava em si unificado o sofrimento de todos-mundos, hermeticamente selado na luz escura dos seus olhos.

Nessa hora a última vela já tremulava, a nossa embarcação escurecia. A embarcação era um barco equino, de couro, cobre e madeira, eram as ferraduras de cobre que remavam. À volta, eram inaudíveis as nadadeiras dos tubarões que calmamente irrompiam da superfície que refletia o céu da noite e que assim se tornava o céu da noite. Se eu me preocupava por um momento, a presença da Quina criatura me fazia logo esquecer meus nervos: ela era uma cadela do deserto, e o mar era o deserto do mesmo modo que um cão era um gato. Em todo caso estávamos em perigo.

E estávamos em perigo até que a cá revelou ser ela também uma pescadora, e uma pescadora melhor do que eu era, pateando a reflexão das estrelas e usando-as como moscas para pesca; ela o fazia de tal maneira que me pôs crente: "Em breve estaremos comendo até golfinhos!". A Quina criatura era uma cá do deserto. Ela pateava estrelas em starlinhos e estrelas em outros passarinhos e estrelas em aves-do-paraíso, depois pateava tudo no exoesqueleto de insetos diversos e ia fazendo com que aquelas moscas de pesca refletissem cores impossíveis, as espalhando então em nossa volta, o que finalmente atraiu a atenção de dez mil jornalistas submarinos.

Depois a cá puxou as cortinas. Agora no breu, ceamos até a fartura uma ceia consistindo principalmente na carne predadora que rodeava. E fizemo-lo mudamente, de modo que só o que existia era a oração das ondas...

Naturalmente no fim adormecemos com as barrigas pra cima.

Quando acordamos, estava uma tarde chuvosa e o barco-equino tinha flutuado até o apartamento do retornado pintor peruano. Na portaria amarramos a nossa égua e então subimos no elevador, a cá nas minhas costas com as patas metidas nos buracos da mochila. E, paga a minha recompensa, sem nem grandes cortesias na duna do pintor a cá ficou.

Desci, voltei a montar minha deriva. Dias depois a cruz das minhas velas se quebrou. ①